

PUPO, Benedito Barbosa. Reflexões sobre o livro.
Povo, Campinas, 27 out. 1971.

Diário do

Reflexões sôbre

o livro

Diário do Povo

27-10-71

BENEDITO BARBOSA PUPO

Estamos na "Semana do Livro", que, iniciada a 23 do corrente, se encerrará amanhã, 29 de outubro, data consagrada pela Lei n.º 5.191, de 18 de dezembro de 1966, como o "Dia Nacional do Livro". Instituída, em 13 de outubro de 1967, pelo Decreto n.º 61.527, a "Semana do Livro" vem sendo comemorada desde 1968, coordenada pelo Grupo Executivo da Indústria do Livro — GEIL.

A propósito de tais eventos, quero apresentar aqui algumas reflexões (mais de outros que minhas) sôbre esse objeto de tão grande importância para a Civilização, o livro, que, segundo uns, tem os seus dias contados. O avanço tecnológico, se, por um lado, permite a produção de livros maravilhosos graças aos prodígios das artes gráficas, por outro está criando novos processos de divulgação das idéias e de documentação, entre os quais o da microfilmagem. O microfilme, a se realizarem os prognósticos dos futurologos, eliminará totalmente o livro e conseqüentemente as bibliotecas. Não sei e não posso saber quando isso ocorrerá, pois não sou vidente à antiga com bola de cristal, nem dono da técnica de prospectiva, o que em última análise significa ser futurólogo. Habitado a ler para meu deleite ou para instruir-me, não posso prescindir desses preciosos repositórios de informações, de ensinamentos, de poesias e de emoções, que são os livros. Não posso mesmo conceber como será o Mundo sem essas lâminas de papel impresso, encadernadas, que estão sempre à disposição do leitor para responder-lhe às indagações, satisfazendo-lhe a curiosidade, ensinando-o e deleitando-o.

Pergunto, então, a mim mesmo: Que será do Mundo, quando já não houver mais livros, nem bibliotecas, onde tudo o que o homem produziu no campo da literatura, da ciência, da arte, da técnica, está ao alcance do consulente? O homem talvez jamais se desloque do livro, pois é através de leituras que ele se desloca no tempo e no espaço. É pela leitura que o homem penetra na alma de seu semelhante para conhecer-lhe os íntimos segredos, assim como devassa a imensidão do Cosmos. Ele proporciona viagens maravilhosas a todos, ricos e pobres, sem distinção, pois como diz F. Croiset "a leitura é uma viagem de quem não pode pagar um trem". Com Dante, vamos ao Inferno e com Camões, às Índias. Com Bilac, ouvimos estrelas... Com Verne, vamos à Lua e viajamos sob o mar...

Muito se tem escrito, em tôdas as épocas, sôbre a função do livro na vida dos povos. Recolhi em minhas andanças bibliográficas, alguns conceitos, que aqui registro, começando pelo brasileiro Monteiro Lobato: "Livro que deixa uma palavra já deixa alguma coisa". Plínio e Miguel de Cervantes também pensam assim: O primeiro diz: "Não há livro tão mau que dê não tiremos algum proveito". Para Miguel de Cervantes, "não há livro tão mau que não contenha algo de bom".

Devemos ter muitos livros? Eis aí uma pergunta que respondo, optando pela seleção: poucos, mas bons, qualidade ao invés de quantidade. Autor não identificado diz: "Livros e amigos, poucos mas bons". De Seneca, registro dois conceitos: "Não é preciso possuir muitos livros, mas tê-los bons" e "Visto que não podes ler todos os livros que possuis, contenta-te em possuir os que podes ler". Sôbre o livro e o tempo, leiam-se os pensamentos de John Ruskin e Erico Veríssimo. "Os livros — diz o primeiro — dividem-se em duas classes: livros do momento e livro de todo momento". O segundo diz: "Cada livro é um produto de sua época, das idéias e padrões estéticos dessa época".